

UNIVERSIDADE NA RUA

Themis Dovera¹

DOI: <https://doi.org/10.47306/978-65-88213-16-2.310-331>

Sumário: 1 Introdução; 2 Acolher; 3 Olhar para o outro, olhar para si mesmo; 4 Redução de Danos; 5 Geração de Renda sob Dois Enfoques; 6 A Cara da Rua; 7 Outras Ações; 8 Representações; 9 Considerações finais; Referências.

1 INTRODUÇÃO

O programa Universidade na Rua tem sua origem em 2009 através do programa 'Convivências' UFRGS/ PROREXT/DEDS, e hoje procura consolidar-se reunindo ações de diversas áreas e Unidades da UFRGS para desenvolver práticas inclusivas fortalecedoras de vínculos, de cuidado e de aprendizagem construtiva e criativa nos locais públicos.

Propomos as ações de caráter interdisciplinar com oficinas, cursos, intervenções, seminários organizados em cinco temas: 1. encontros na praça; 2. filosofia popular com pessoas em situação de rua; 3. zeladores da praça; 4. teto de estrelas; 5. políticas do acolhimento. 6. curso de cuidadores de idosos. Através desse esforço solidário, busca-se alavancar as políticas públicas novas e já existentes às pessoas em situação de rua.

Os objetivos são buscar articulação com órgãos governamentais e do terceiro setor que desenvolvem políticas com essa população através do MNPSR; - criar de subsídios para orientação da elaboração e implementação de política direcionada a esse público através das ações do Movimento Nacional de Pessoas em Situação de Rua; - propiciar a participação ativa da população de rua na formatação e aplicação dessas políticas, objetivando a humanização do processo; - orientar e acompanhar os indivíduos nesse contexto, a fim de que tenham acesso, de imediato, aos serviços públicos

¹ Enfermeira e nutricionista, especialista em nutrição clínica, especialista em Educação Popular, especialista em nutrição ortomolecular, mestre em Administração da Assistência de Enfermagem pela UFSC. Docente adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: themis.dovera@ufrgs.br

2 ACOLHER

“Utopia e acolhimento andam juntas. Uma depende da outra para poder se realizar, acolhimento é o respeito ao outro”, disse Solismar, um morador de rua, durante uma conversa do curso *Filosofia com moradores de rua*. Bruno, outro participante, complementou explicando que ‘acolher é cuidar’. Com formação de mecânico, seu sonho, sua utopia é também ser enfermeiro, para não cuidar só dos carros, mas sobretudo de quem precisa ser cuidada: “As pessoas deveriam aceitar o que a pessoa é, o morador de rua é, e não o que elas gostariam que ele fosse”. Essas e outras falas são frequentes nos encontros[1].

"Filosofia com moradores de rua" é uma das ações que compõe o Programa Universidade na Rua realizado no período 2015-2016 através da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com apoio do Edital Proext MEC-Sisu[2]. Este programa de extensão tem como público alvo a população em situação de rua, busca constantemente a reflexão em cada ação que oportuniza, assim como a escuta acolhedora e ativa da fala do outro, busca também observar e entender o que acontece com nossa sociedade com relação aos moradores de rua. Um desafio a ser enfrentado por acadêmicos-bolsistas, professores e também pela estrutura da Reitoria.

Desde a sua origem em 2009, o *Universidade na Rua* tem por objetivo geral propiciar vivências buscando o acolhimento e recuperação da dignidade das pessoas em situação de rua. Para isso, propõe como objetivos específicos a articulação com órgãos governamentais e políticas públicas voltadas para a população em situação de rua; a criação de subsídios para orientação, elaboração e implementação de políticas junto ao Movimento Nacional da População de Rua (MNPR/RS); a orientação e acompanhamento dos indivíduos nesse contexto para que tenham acesso aos serviços públicos disponíveis em áreas como saúde, educação e direito; e, sobretudo, buscar formas de geração de renda.

Pensando sob outro viés, o *Universidade na Rua* propicia a formação humana e ética dos universitários, na medida em que estes passam a conviver com os segmentos excluídos da sociedade: moradores de rua, catadores e recicladores. Eles aprendem a se colocar no lugar do outro, sentem a alegria de revê-los nas atividades programadas, e criam laços verdadeiros e interessados pelo desenvolvimento humano. O universitário aprende a identificar o brilho do olhar da pessoa em situação de rua que surge do sentimento de acolhimento e resiliência. E esse universitário pode refletir suas atitudes positivas no programa através dos vínculos criados. Também entendem que existe uma natureza multifatorial, localizando macrofatores e microfatores para que uma pessoa passe a viver a situação de rua. Compreendem também que

seria muito simplista pensar apenas que a drogadição, a estrutura familiar, doenças física, transtornos mentais e violência doméstica são responsáveis; mas tem a visão cruel dos macrofatores tão injustos como as políticas de emprego, de habitação, econômica e de saúde, atrelados a domesticação da sociedade.

Outro objetivo do programa é propiciar que a pessoa em situação de rua de alguma maneira tenha acesso à Universidade, pois não seria justo que se mantenha uma universidade com dinheiro público cujo retorno sempre seja em benefício das classes privilegiadas. Infelizmente, dentro da UFRGS, a presença física das pessoas em situação de rua na Universidade é coibida, quase proibida pelos mecanismos de controle e pelo próprio corpo docente que ‘não vê com bons olhos essas presenças’. Em 2015 conseguimos um ônibus sucateado da Universidade para atender as necessidades físicas do projeto, como espaço de atividades do Programa, mas aconteceram tantos impedimentos para locar o ônibus dentro do campus centro que acabamos desistindo da ideia.

Nesse contexto, a ação *Filosofia com moradores de rua* se insere como uma forma inovadora de encontro e integração desta população moradores em através do pensamento filosófico. Acreditamos que a filosofia deva ser um instrumento popular de reflexão, de conhecimento e crescimento pessoal e social. Trata-se de uma ação que desconstrói a pedagogia da disciplina tradicional e a apresenta como proposta à pedagogia do “dar-se conta” e do “inédito viável”, onde as habilidades e vontades do público-alvo são inseridas no projeto como pontos positivos. A ação acaba propiciando uma forma de conversar com a vida. É consenso para todos os participantes destes encontros que há um desrespeito ao morador de rua como ser humano: “por incrível que pareça, as pessoas que muitas vezes vão ajudar os moradores de rua, dando roupas, agasalhos, e comida estão sempre querendo nos usar para promover suas caridades, tirando fotos, posando ao lado de nós para colocar no *facebook* ou num jornal qualquer, muitos moradores se submetem a isso, por um café e um pão com chimia”, comenta Claudiomiro, participante do curso *Filosofia com moradores de rua*. “Ninguém nos escuta mesmo quando a gente fala, grita, não entra”. Segundo Claudiomiro: “esse abraço na hora da foto é falso, na maioria das vezes não se abraça de verdade; infelizmente quem tem abraçado o abandonado tem sido o tráfico. Muitos se dirigem ao tráfico por necessidade última mesmo de existência, e alguns que trabalham ou já trabalharam não consomem. Lá em cima se drogam por poder, aqui se drogam pela droga mesmo”.

Os encontros do *Filosofia com moradores de rua* se organizam a partir de uma conversa previa e coloquial, ou de assuntos que estão em pauta no momento. Outras vezes já levamos alguma temática disparadora, como por exemplo, utopia e acolhimento, morar na

rua, violência policial. Geralmente começamos a conversa perguntando o que cada participante entende por tal e tal conceito. Já desde o início, surgem respostas maravilhosas e profundas, que nos permitem a partir desse ponto, lançar mão de conteúdos filosóficos que gostaríamos de trabalhar naquele encontro. No caso, por exemplo, da temática "utopia e acolhimento" estávamos fundamentados em Leonardo Boff e Jacques Derrida. A ênfase nunca recai em saber quem são os referidos filósofos, mas sim no pensamento desses filósofos. A partir daí começa uma interlocução maior: "Meu pai e minha mãe nunca me deram uma utopia, um acolhimento", assim se expressou o jovem Lucas, quando percebeu o que poderia também significar utopia; "Acolher é nos propormos a ter um olhar amoroso sobre o mundo", diz Claudiomiro; "O acolhimento é um vírus", comenta entusiasmadamente Bruno.

Os encontros se estabelecem nesse andar do diálogo de ideias, nesse entrecortado de reflexões e iluminações, sempre muito pautado pela escuta dos ministrantes e das falas dos participantes, procurando trazer o assunto a nível existencial de um aqui e agora. Coordenados e executados pelos professores Jose Luiz Ferreira da Associação Vila Chocolate, Fernando Fuão e Marcelo Kiefer da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, os encontros acontecem uma vez por semana com duração de duas a três horas. Nos semestres 2015/2 e 2016/1, os encontros tem-se dado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre, também conhecida por EPA, localizada num dos limites do centro da cidade com o bairro Praia de Belas próximo às margens do Rio Guaíba, parques e praças onde vivem alguns grupos de moradores de rua, no que costumam chamar de 'aldeias'. A EPA é uma escola-modelo, aberta, inclusiva, onde a maioria de seus alunos são moradores de rua. O trabalho desenvolvido pelo seu corpo docente é uma referência em termos de educação em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul por ser especializada no atendimento de adultos e jovens a partir dos 15 anos de idade em situação de vulnerabilidade social para o acesso ao Ensino Fundamental completo.

A média de alunos que participam da ação de Filosofia não é muito grande e costuma variar de 4 a 10 alunos por encontro, o que nos permite avançar e aprofundar vários temas filosóficos onde os protagonistas têm preferência. Quase todas as conversas e reflexões filosóficas acabam sempre no âmago dos relatos de vida de cada um, o que torna denso, profundo e real o contato com os participantes.

Os assuntos correntes e recorrentes: droga (crack), trabalho e desemprego, alcoolismo, temas relativos ao âmbito familiar (pais e ou filhos), falta de albergues, a violência policial. Os participantes são todos moradores de rua, alguns já estão há anos nas ruas, as idades variam desde jovens até pessoas com 50-60 anos, são homens, mulheres e, também,

pertencentes ao grupo LGTB. Do público usuário de drogas, os mais jovens são usuários de crack, os mais maduros de álcool. No período em que frequentam o curso estão sem consumir álcool ou drogas, pois essa é uma condição para o ingresso na escola.

Ao longo desse breve período tratamos muitos temas, uns mais profícuos que outros. Uma das grandes dificuldades é manter um grupo único ao longo do tempo. Há constantes entradas e saídas de participantes, outros frequentam duas ou três aulas e depois desaparecem, outros retornam. “Acolhimento e hospitalidade” foi o primeiro tema do curso e tomamos por leitmotiv ao longo dos encontros a hospitalidade e acolhimento do outro, do outro totalmente outro a partir do que conceituaram Jacques Derrida e Emmanuel Levinas. Na sequência tratamos outras temáticas, tais como: *A felicidade desesperadamente*, a partir de Conte-Sponville; *Está para vir... está chegando! Como eu me sinto estranho? Como vejo o estranho?* e *O que é o estranho?* a partir de Derrida e Freud; A casa e a domesticação, onde vamos abrigar nossos sonhos? Estar na rua... é possível ser feliz? (R)estar (*being*) na rua, o ser e o lugar. O abrigo, a morada, a cidade, o planeta abordados nestas duas últimas temáticas foram norteadas pelo pensamento de Martin Heidegger em seu clássico texto *Construir habitar pensar*. O tema *A casa e a domesticação, onde vamos abrigar nossos sonhos?* trouxe de roldão a questão da morada, da casa própria e da domesticação humana, e foi pautada pelos estudos de Michel Foucault em *Vigiar Punir* e *A sociedade de Controle*, de Gilles Deleuze.

Outro tema que colocamos em crivo constantemente foi a domesticação humana, a partir de John Zerzan. Para nós o modo de existir nas ruas não deve ser definido como errado (errância), ou uma mera consequência imediata da mazela do capitalismo, mas sim algo atrelado ao capitalismo que está diretamente ligado a produção da domesticação e controle: nem todas as pessoas se ajustam às condições estabelecidas pela sociedade, pela domesticação; nem todo mundo nasceu para casar e ter filhos, constituir uma família, ou para trabalhar dentro de um modelo de subserviência moderno capitalista. Não é o modo de vida dos moradores de rua que deve mudar, mas nós é que precisamos urgentemente fazer a mudança de nosso modo de vida, reaprender a existir na simplicidade da vida. A própria noção de ‘casa própria’ também é fruto dessa normativa social domesticante, ironicamente em sua simplicidade da existência o morador de rua carrega sua casa nas costas, na mochila; ou no carrinho. Ele está em casa em qualquer lugar que esteja.

Eles dizem que moram em determinada marquise ou praça. É o sentimento de que o corpo é a própria casa, não sendo necessário uma residência fixa para existir sobre o mundo. Assim, portanto, esses encontros são uma tentativa de deslocamento de um falso problema, e de um ‘dar-se conta’ da vida de cada um, e de quanto os moradores de rua estão fragilizados,

segundo essa lógica perversa e punitiva da domesticação humana.[3] O mais próprio do próprio, a propriedade do humano, não é a casa como propriedade privada, mas o sentido de propriedade como singularidade da existência de cada um. Infelizmente a casa, desde sua mais remota concepção ocidental (*oikos* grego) docilizou os corpos e conformou as cidades com sua ordem disciplinar de limites, ordens, leis e hierarquia, paredes, aberturas, muros e cercas. E, pior, a partir do século XVIII desempenhou um papel primordial na institucionalização do morar, ou seja um modo único quase universal de existir sobre o mundo, onde a conquista da casa própria é agente dessa subserviência ao sistema.

Basicamente, o *Filosofia com moradores de rua* tem por objetivo pensar que somos únicos em nossa singularidade, mas que as diferenças só podem ser realizadas junto ao outro, em sociedade através da hospitalidade da existência. Nesses encontros tem-se por norte a filosofia da desconstrução de Jacques Derrida, Deleuze, Foucault entre outros, desconstruir os valores opressores da sociedade, nesse diálogo, buscamos colocar em pauta também o planeta como nossa casa no cosmos, e assim construirmos relações ecológicas conscientes e responsáveis. Nos acompanha nesses encontros o apoio de uma oficina de produção de sabão, a cargo da professora Natalia Sorney, como forma de geração de renda, e em cima do fazer sabão fazemos também filosofia, qualquer fazer, qualquer trabalho, ação é sempre uma oportunidade para filosofia. Da mesma forma, dentro do programa, outras ações se inserem para complementar os objetivos a serem alcançados e manter o caráter interdisciplinar e dar continuidade ao debate filosófico durante outras práticas.

3 OLHAR PARA O OUTRO, OLHAR PARA SI MESMO

O *Encontros na Praça*, coordenada pela professora Themis Dovera (EENF/UFRGS), é outra atividade vinculada ao Programa *Universidade na Rua* que reúne várias ações, uma delas a *Projetos Culturais e de Alimentação no Parque*. Esta ação, busca reunir grupos de moradores de rua através de atividades como alimentação, saúde, e música para promover a interação em rodas de conversa com estudantes e professores, e a partir dessas relações de acolhimento mutuo, explicar o que se constitui o Programa, tornando o evento um convite pessoal para a participação efetiva nas demais ações proporcionadas.

A ideia da ação surgiu quando conhecemos Ricardo Chileno, um cozinheiro internacional que morava na rua. Com ele começamos a atividade na praça aos domingos porque não havia refeição distribuída por voluntários naquele dia da semana. Ricardo se propôs a ajudar no preparo das refeições. Acreditávamos que seria importante a participação de todas as pessoas em situação de rua, albergadas que já estavam vinculadas a nós, desde as

diversas atividades em que participávamos com eles. Assim, a primeira ação realizada foi planejada juntamente com Jurema, Gilberto, Ricardo, Rosângela, Cicero, Reinaldo, e alguns alunos bolsistas da universidade.

A professora Themis Dovera ofereceu a cozinha de sua casa para preparar o feijão e o arroz. A Jurema foi atrás de doações de frango no mercado público e se propôs assar o frango na praça. Rosângela organizou o grupo para picar tomate, cebola, cenoura e alface para a salada. Assim, todos da equipe convidaram pessoas nos albergues e ruas para o evento na praça. Atualmente essas cozinhas estão migrando para os locais onde foram assentados a poprua e as refeições são elaboradas diariamente na cozinha comunitária, local onde um ex morador se dispõe a cozinhar até 30 marmitas e vender a R\$3,00 para reduzir a insegurança alimentar da região.



Figura 1. Encontros na Praça, 2010. Fotos: Themis Dovera

A primeira ação da praça contou com a presença de oitenta pessoas, com equipe de preparação e equipe para servir. O evento ocorreu na maior harmonia porque a ação era proposta pela população em situação de rua, organizada por eles. A universidade realizou o papel catalizador e logístico.

O *Encontros na Praça* acolheu também ações de outras organizações. O Movimento Nacional da População de Rua (MNPR/RS) utilizou esses encontros na praça para levar demandas importantes como a política de desocupação das praças e ruas da cidade através de departamentos da Prefeitura, em total desrespeito a pessoa humana. O Sindicato dos Guardadores de Automóveis de Porto Alegre participou duas vezes no encontro, levando a proposta de sindicalização do guardador de carro com a aquisição do colete. Na ocasião, Gilberto, usuário de albergue municipal aderiu a proposta e através de colaboração em dinheiro de diversas pessoas (acadêmicos, professores e amigos) conseguiu pagar a taxa de adesão ao sindicato que era de R\$120,00.

A partir desses encontros destacamos algumas contribuições, como a de Gilberto. Ele relatou à professora Themis há 3 meses, que jamais esquecerá da oportunidade que

o *Universidade na Rua* proporcionou a ele. Graças ao sindicato, ele agora trabalha “fixo” num ponto da cidade, e já conseguiu há um ano viver na sua casa. E, também, pelo ponto que o sindicato lhe deu, ele conheceu um advogado que duas vezes por semana paga R\$50,00 para que seja o seu despachante no tribunal e nos cartórios. Outro exemplo é o do cozinheiro Chileno Ricardo. Ele passou a auxiliar a professora Themis Dovera como *personal cooker* em jantares e festas. Com sua autoestima melhorada, conseguiu emprego em São Leopoldo, numa churrascaria e pizzaria. A fatos como esse atrelamos o conceito de Resiliência, ou seja: a capacidade individual das pessoas responderem de forma positiva perante as adversidades, podendo ser algo que seja um risco real ou potencial para sua saúde ou desenvolvimento.

Durante o ano de 2015 contamos com o apoio e parceria do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR/RS) no Projeto *Universidade na Rua* e apoiamos várias atividades do movimento, acompanhadas pelo aluno bolsista Pedro Leite do curso de Ciências Sociais/UFRGS com uma participação singular nesse trabalho.

Os encontros ocorreram quinzenalmente, aos sábados ou domingos, das 10 horas da manhã às 15 horas. As praças que fizeram parte dessa atividade foram a Praça do Aeromóvel, próximo à EPA, e Parque Mauricio Sirotsky. Dentro dos Encontros na Praça, acontece também a ação *Projeto Saúde na Praça* onde estudantes de enfermagem avaliam a pressão arterial e as condições gerais de saúde.

Associado à atividade *Encontros na Praça* também acontece a *Oficina de Saúde Popular* tem o objetivo de discutir com a população em situação de rua agravos a saúde e medidas preventivas; é realizada uma vez por semana na EPA, onde recebem informações sobre vacinas, DST, primeiros socorros, entre outras, sempre do ponto de vista da redução de danos, que visa o acolhimento das escolhas de vida do participante, orientando para o cuidado com o outro e consigo mesmo, sem qualquer tipo de julgamento. O número de participantes nessa oficina varia entre 10 a 15 alunos, onde também se destaca a participação do bolsista de Enfermagem Max Dutra, ministrante da ação. *A Oficina Saúde Popular*. [4] Max falou sobre os seguintes assuntos: verificação da pressão, danos ao coração, infarto, como reagir e o que não se deve fazer; anatomia do corpo, desde obstruções intestinais por verminoses, anomalias cerebrais pelo uso de drogas, infecções do trato respiratório, e anatomia do trato respiratório com identificação de agravos como a tuberculose, muito prevalente entre as pessoas em situação de rua. hepatites Virais (A, B, C, D, E), HIV e Herpes Genital. [5] Em janeiro e fevereiro continuamos na Escola Porto Alegre com atividades de saúde popular e com os temas: Varíola, Herpes Zoster; HPV, Infecções do trato urinário; Tuberculose; Sífilis; Vírus Entéricos; Vírus do trato Respiratório

4 REDUÇÃO DE DANOS

Além da *Oficina de Saúde Popular*, o cuidado também é abordado na *Oficina de Redução de Danos*. A população em situação de rua, é, notadamente, uma das mais vulneráveis em relação ao uso problemático de drogas e os agravos em saúde decorrentes deste uso. Além disto, o acesso a serviços de saúde é muitas vezes dificultoso, seja pela falta de informação ou porque a forma de organização destes serviços desconsidera as realidades das pessoas em situação de rua, o que impede um vínculo com os profissionais e serviços. Desta maneira, as oficinas de redução de danos pautam-se por um aspecto pedagógico que fomenta a educação sobre o uso de drogas e da própria RD e por um viés do cuidado em saúde através da construção de autonomia, vínculo e produção de vida para além da doença e das condições de vulnerabilidade características da situação de rua desenvolvido no Consultório de rua como sala de espera.

A Redução de Danos é tanto uma estratégia como uma diretriz de trabalho em saúde pública que visa diminuir os riscos, danos e agravos em saúde em relação ao uso problemático de álcool, crack e outras drogas, com pessoas que não conseguem ou não querem parar de usá-las. Desta maneira, a RD não visa apenas abstinência como único caminho possível aos que fazem uso problemático de drogas, embora não a exclua. Através de intervenções dialogadas, com foco na escuta, no respeito e na compreensão, o profissional se coloca na tarefa de educar, informar e sensibilizar estas pessoas, tendo como principal objetivo prevenir possíveis danos decorrentes do uso destas substâncias, e não os combater. A facilidade no acesso à rede de atenção é de extrema importância para boa resolutividade destas questões, porém, muitas pessoas desconhecem estes serviços, não dando oportunidade aos que, por algum momento, estão sensibilizados a parar o uso. Nesse sentido, salienta-se a importância de que essas práticas sejam realizadas na realidade dessas pessoas, como ações simples, tais como: o diálogo, a escuta, a educação, a informação, e outras intervenções redutoras de danos que ajudem este público a se manterem seguros e saudáveis. Muitas pessoas que fazem uso de drogas preferem utilizar-se de métodos informais, e não institucionais, para diminuir seu consumo, ou pelo menos, diminuir os riscos associados ao consumo. [6]

As oficinas foram realizadas por uma pessoa em situação de rua que havia sido treinado pela Secretaria Municipal de Saúde como redutor de danos. E por um desses infortúnios do destino, ficou preso por dois anos por porte de drogas. Quando saiu do sistema prisional, retornou ao movimento nacional de pessoas em situação de rua, e, foi acolhido por um aluno-bolsista do Programa *Universidade de Rua*, que viu a possibilidade de auxiliá-

lo. Organizamos o curso com atividades distribuídas em partes teóricas e práticas a fim de colaborar com a construção de discurso bem com a criação de estratégias individuais e coletivas em relação ao uso abusivo de drogas. Serão realizadas Rodas de Conversa, Filmes e oficinas de produção de maneira itinerante em lugares da cidade em que se concentram pessoas em situação de rua.[7]

Em 2016, iniciamos a *Oficina de Redução de Danos* na sala de espera do Consultório de Rua. Dentre as ações iniciamos com a introdução à temática da Guerra as drogas: Crítica aos danos sociais decorrentes das políticas atuais sobre drogas, funcionamento das substâncias psicoativas no corpo humano (álcool, crack, cocaína, inalantes, anfetaminas, maconha, etc.), principais doenças decorrentes ou associadas ao uso de drogas, confecção de material informativo sobre práticas de Redução de Danos (oficina de cartazes), oficina de confecção de cachimbos e piteiras como estratégia de diminuição dos agravos em saúde referentes ao uso de crack, corpo e autocuidado: relaxamento, alongamento, automassagem, respiração abdominal. Identificação de riscos e estratégias em relação aos prazeres – relação com uso de drogas, gestão dos prazeres e seus riscos. Identificação da Rede de serviços de saúde que acolhem população em situação de rua na cidade de porto alegre. Caps Ad, internações, postos de saúde, consultórios de rua, etc

Para dar continuidade aos encontros no Consultório de Rua pensamos com os bolsistas de organizar o Projeto *Grito da Rua – Direitos Humanos Fundamentais* para atingir as mulheres em situação de rua, os andarilhos e divulgar as possibilidades com encontros duas vezes por semana. Organizamos nos meses de março-julho – o direito a educação, o direito ao trabalho. A experiência foi se desdobrando na divulgação para as pessoas da reunião do Consultório da Rua da Escola Porto Alegre, e ao final de cada grupo levávamos os moradores atendidos à escola onde eram apresentados aos diretores. E outro desdobramento foi o grupo do Direito ao Trabalho. Surgiu com a sugestão da Fátima, aluna da Escola Porto Alegre com o Gilberto e o Wagner. Chegando numa manhã de março na escola Porto Alegre, Fátima gritou: "Professora Themis, que a senhora acha da gente começar a vender balinhas? Respondi, ué, vamos nos organizar. Você tem tempo amanhã pela manhã?" E assim começou o grupo Direito ao Trabalho, que imaginamos evoluir das balas. No entanto as balas já têm surtido belas estórias.

Atualmente desde 2020 , devido a pandemia o curso passou a ser online com o conteúdo listado abaixo: 1º Encontro - Aula aberta com Anderson Ferreira -Apresentação e discussão do tema, seguido por conversa e narrativas da vivência de uso de álcool e outras drogas, e vida na rua.2º Encontro - Conversa com a convidada Carol Sarmento

Mulheres, maternidades e violência : reflexões de uma pesquisa militante com mulheres em situação de rua. 3º Encontro - Roda de conversa com Anderson Ferreira - contexto e cuidado no território e políticas públicas, vivências nos territórios e experiências de busca ativa. 4º Encontro - Conversa sobre aromaterapia como estratégia de cuidado. Relatos de vivências de promoção de Autocuidado com ajuda da Aromaterapia de forma acessível e prática para Pessoas em Vulnerabilidade Social. 5º Encontro - Teatro como prática de cuidado .O Corpo, arte e expressão política: teatro como prática de redução de danos. 6º Encontro –Cuidado Jurídico no sistema carcerário.

Entre a realidade e a possibilidade: Drogas, sistema carcerário e o dever de cuidado. Um olhar prático-jurídico acerca do atravessamento entre as Drogas e o sistema carcerário: da repressão legal ao dever de cuidado em liberdade. 7º Encontro - Juventude na Rua: desafio da proteção especial. Breve histórico da situação de rua e da juventude; proteção social e os desafios. 8º Encontro – Cuidarte : possibilidades de acolher em saúde mental. Relacionar o acolhimento como uma prática diária do cuidado em saúde mental, pautado através da arte que provoca deslocamento para o cotidiano. 9º Encontro

Pessoas em Situação de Rua e sua organização política coletiva: quais potências e possibilidades de avanços individuais e coletivos? 10º Encontro –Vida, desejo, escuta e práticas de redução de danos. Histórias, escutas, narrativas e vivências de RUAOLOGIA.

5 GERAÇÃO DE RENDA SOB DOIS ENFOQUES

Outro objetivo importante a ser desenvolvido junto à população de rua e que complementa o caráter interdisciplinar na abordagem dos temas que passam por todas as ações que formam o Programa *Universidade na Rua* é a questão da geração de renda.

A atividade *Galpões De Reciclagem, Cooperativas de geração de renda e trabalho*[8], coordenada pelo professor Fernando Fuão desde 2004 (UFRGS.PROREXT) e realizada juntamente com recicladores e catadores, tem como objetivo apresentar às pessoas em situação de rua e em desemprego uma alternativa de geração de renda e trabalho a partir da reciclagem. A ação desenvolve-se a partir de incentivos para capacitar os moradores de rua que vivem da catação com uma formação consciente da reciclagem, e incentivando catadores individuais a formar um coletivo ou uma Associação. Uma das ações dentro dessa atividade foi o apoio para a formação da *Associação Ksa Rosa*, uma associação de moradores de rua que vivem da catação e comercialização de papelão, e localizada num prédio por eles ocupado na avenida Voluntaries da Pátria. Nesse esforço de formação contamos com o apoio dos educadores populares Antônio Pedro Figueiredo e Maria De Lourdes Figueiredo,

coordenadores do Centro de Estudos Ambientais e Reciclagem, CEAR-Galpão Sepé Tiarajú um dos nossos colaboradores externos nesse Programa, juntamente com a Associação Vila Chocolate e o MNPSR.

Tivemos como metodologia três momentos: primeiro, onde foi feito um trabalho prospectivo entre moradores de rua e ou grupos para ver quais os potenciais para o trabalho coletivo em reciclagem, nesse momento foi apresentado o coletivo Ksa Rosa através do educador popular Pedro Figueiredo. Momento 2: se tratou através de conversas o processo de viabilização da formação da Associação de Reciclagem sobre a comercialização de papelões e da reciclagem da casa ocupada como um Centro Cultural comercial destinados a geração de renda e educação para moradores de rua. Momento três: o momento de formalizar institucionalmente a Associação, registros, formulação do estatuto, contatos com o Departamento Municipal de Limpeza, etc. Atualmente damos seguimento na estruturação e legalização da Associação.

6 A CARA DA RUA

A Cara da Rua é uma das atividades que se destaca no Programa *Universidade na Rua* visando a geração de renda através do exercício poético. Essa ação tem como ponto de partida a experimentação fotográfica como mote para se aproximar, investigar e refletir a condição urbana do morador em situação de rua. Partindo do campo da Arquitetura e Urbanismo[9], *A Cara da Rua* tem por objetivo proporcionar o processo de identificação dos sujeitos que fazem parte do espaço da cidade através da fotografia como um jogo lúdico da manipulação da câmera, do exercício do olhar para o outro em busca de aproximações entre olhares e corpos. Como forma de crítica social, o projeto de fotografia junto aos moradores em situação de rua se transforma em uma atividade de reflexão sobre a vida contemporânea com todas as suas contradições, contrastes sociais, exclusões e desigualdades. Tenta-se despertar nessa ação a relação crítica da rua, como espaço público de direito coletivo e não apenas espaço de troca de mercadorias, para desnaturalizar a realidade nas ruas da nossa cidade, principalmente no centro da cidade, onde a pressa e desatenção reduzem as pessoas a fantasmas: umas com medo de circular pelas ruas da cidade, contra outras que as usam como espaço de morar. É preciso mostrar, representar, registrar, publicar, fazer circular o olhar dos moradores de rua sobre a cidade.

A ação foi realizada primeiramente em 2010, como uma das atividades do Projeto *Convivências* PROEXT/UFRGS, em 2015/2016 foi retomada como oficina de fotografia com um programa mais extenso e desenvolvido em parceria com a Escola

Municipal de Ensino Fundamental de Porto Alegre (EPA). Incluir o outro pela sua diferença, através da ação de extensão passa a fazer parte da formação daquele que tem acesso a universidade, como também dessa população. Para tratarmos do tema do abandono do sujeito a sua própria sorte nas ruas da cidade e o enfraquecimento dos princípios éticos daqueles que olham com diferença o que considera “estranho”, tomamos como referência o conceito de ética segundo a hospitalidade de Jacques Derrida.

Derrida, através do conceito de hospitalidade, apresenta uma obra que nos transmite uma esperança contra totalitarismos. E propõe repensar a hospitalidade: para ser hospitaleiro, deve-se partir da existência de uma morada assegurada, pergunta ele?. Em suas palavras, “talvez unicamente aquele que suporta a experiência da privação de casa pode oferecer a hospitalidade” (Derrida, 2003, p.23). Segundo Derrida existem duas heranças para se pensar a hospitalidade na cultura contemporânea. Uma incondicional, de herança bíblica onde a cidade se torna lugar de refúgio, está acima das leis, pois acolhe o outro independente de uma lei instituída pelo estado, transforma o estrangeiro, o recém-chegado, em um cidadão. Ou seja, hospitalidade em condição de exílio, e cidade como um refúgio. Para as pessoas em situação de rua, o elementar refúgio. A outra é a hospitalidade condicional, regida sob as leis.

Para Derrida, o incondicional e o condicional são dois sentidos da hospitalidade que não são simples oposições. Quando o incondicional se coloca em contraponto com o condicional, para efetivar a hospitalidade sempre será “preciso inventar as melhores disposições, as menos más condições, a legislação mais justa” (Derrida, 2004, p.250). Derrida está se referindo aqui especificamente ao processo de imigração. Porém, a condição policiada também é a mesma para quem ocupa o espaço público também para nele dormir.

O lugar onde acontece a hospitalidade está sempre “por vir”, é a falta de um lugar próprio, delimitado, com localização precisa. A hospitalidade está sempre em construção e inacabada. O sentido de construção de um lugar a partir da hospitalidade não é o da arquitetura no sentido físico, mas no sentido ético. Conforme Nuno Higinio, na relação topográfica com a hospitalidade, o bom cidadão ocupa o seu lugar quando sabe receber o que acaba de chegar e o que está por chegar. No entanto, esse dever é apenas um aspecto ético-político da hospitalidade. Já a fotografia pode construir outros lugares que vão além daquele que ela projeta em imagem e inventar um lugar que rompe com a sua ordem (do espaço ou da vivência) criando uma outra relação. Esta seria a relação poética. Para Derrida a hospitalidade não está simplesmente voltada para uma questão ética. Antes, ela requer uma arte ou uma poética: “um ato de hospitalidade não é mais que um ato poético” (Derrida, 2004, p.250). O sentido ético que encontramos em Derrida a partir do princípio de hospitalidade e da

singularidade como um ato poético nos faz pensar a fotografia como um ato em busca da alteridade, em busca da construção de um lugar capaz de incorporar a diversidade que se encontra no espaço da cidade.

Dessa forma, *A Cara da Rua – oficina de experimentação fotográfica*, que Adriano, um dos participantes da Oficina, chama de “Curso de Fotógrafo”, torna-se também um lugar para formação daquele que se encontra na situação de rua, ora estrangeiro no seu próprio espaço, ora hospitaleiro. Essa ação para ele e para nós coloca o objetivo principal na formação do sujeito como cidadão e busca a reflexão de forma indireta sobre o lugar como espaço da hospitalidade e hostilidade, de acolhimento e exclusão, simultaneamente. Curso de fotógrafo: linguagem e sujeito se confundem no processo de formação dessa população. O objetivo é abranger tanto um projeto artístico, através da fotografia, quanto o da reflexão da cidadania e dos direitos de pertencimento na sociedade e na cidade, de poder transitar e ser reconhecido como todos que ali habitam e transitam.



Figura 2. A Cara da Rua, EPA, 2015. Fotos: Daniela Cidade

A primeira oficina realizada de setembro a dezembro de 2015, teve como objetivo a aproximação inicial ao equipamento fotográfico, sem deixar de discutir as questões que envolvem o todo o processo da fotografia digital da obtenção da imagem até a sua manipulação. O resultado dessa oficina se deu com a confecção de cartões postais com 15 imagens selecionadas realizadas por sete alunos, para serem vendidos posteriormente por eles nas esquinas das ruas de Porto Alegre, como forma de geração de renda. As imagens foram tomadas a partir de deambulações que tinham como ponto de partida a Escola EPA, passando por lugares do centro da cidade de Porto Alegre que muitos desses alunos habitam, como a Praça da Matriz, Viaduto Otávio Rocha, Praça do Capitólio.



Figura 3 *A Cara da Rua*, Cartões postais, 2015. Fotos: Daniela Cidade

Em 2016, a atividade propôs mais de uma ação. Na *Oficina de Experimentação Fotográfica* tendo como objetivo a geração de renda, além da confecção dos cartões postais, foram realizados imãs com imagens fotográficas e material para uma exposição itinerante. O tema ‘Olhar Urbano’ desenvolvido na oficina, também esteve presente na ação *Mostra de Cinema na EPA*, ação que ainda tenta se afirmar como uma rotina mensal na escola.

A fotografia aqui estabelece uma função ‘para além’ do caráter documentário de uma cidade concebida por esse grupo de alunos da EPA, o ato fotográfico se faz deslocamento dentro do próprio espaço de vivência: o ato oferece um lugar mais justo ao hóspede - morador em situação de rua - e receber esse hóspede é preparar um lugar, construir e substituir por outro modificando-o pela sobreposição de um ato inesperado e sentir-se acolhido. A chegada do outro acontece com a câmera na mão. A fotografia reconstrói a condição de ausência, de exclusão em uma cidade separada. A câmera em outras mãos nos fazem chegar ao conhecimento e à reflexão sobre o sentido do espaço, ou sobre a cidade e o lugar a partir do olhar destes moradores de rua.



Figura 4. *A Cara da Rua*, saída de campo, 2015. Fotos: Daniela Cidade

Conforme reflexão de Luiza Maia, graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo e uma das bolsistas ministrantes da oficina, ainda que o significado de hospitalidade possa estar

vinculado a espaço físico, cada vez mais entende-se a relação entre o ser e o conceito de abrigar. Quando vivemos em uma cidade onde há muitas pessoas em situação de rua, os lugares de abandono passam a ser recinto de hospitalidade, reforçando a relação entre hospede e hospedeiro, e vinculando-se as relações interpessoais. Estas imagens podem ser lidas como resultado que vai além de uma relação se estabelece entre corpo e espaço, e que coloca o meio urbano como instrumento de constante análise e crítica do sentido do lugar e da integração social. Na relação imagem e movimento como forma de apropriação do espaço, a fotografia transforma-se em uma maneira de inserção social, transfigurando-os em figura-figura. Diferentemente da concepção de figura-fundo utilizada por muitos urbanistas como um dos instrumentos de análise da cidade, onde a pessoa é dissociada do espaço. O espaço aberto da cidade deixa ser um vazio, e a imagem fotográfica trabalha como catalizador de um processo de recuperação de ausências e insere o ser humano em uma determinada perspectiva: espaço e vida.

7 OUTRAS AÇÕES

Outra ação que o programa incorpora é o que intitulamos *Teto de Estrelas*, coordenada pela professora Maria Helena Steffani (IF/UFRGS), caracteriza-se como uma ação inusitada onde se convida os moradores de rua para assistirem os filmes projeção no Planetário da UFRGS. Essa ação ocorreu apenas três vezes em 2015. Dentro da ação, os alimentos arrecadados, forma de pagamento dos ingressos nas sessões normais do Planetário, são repassados para o Programa *Universidade na Rua* para colaborar nas refeições realizadas e fornecidas nos *Encontros na Praça* a cargo da professora Themis.

O Programa em sua proposta inicial inclui outras ações ainda não realizadas: *Zeladores Das Praças*, ação destinada a capacitar moradores de rua em jardinagem para fazer a manutenção e zeladoria das praças. *Direito A Cidade, Políticas Do Acolhimento*, uma ação sob a forma de seminário com 10 encontros destinado a capacitação de técnicos e funcionários da Fundação de Assistência Social de Porto Alegre com a população de rua, a ação tem por objetivo mostrar como conceitos que estão arraigados negativamente no trato com moradores de rua, mazelas essas como Albergues manterem estruturas manicomialis, prisionais e hospitais como modelos estruturantes, políticas de segregação especial, e os encontros teriam como abertura temática o tema do acolhimento; *Cantando no Parque*, coros de rua com a população em situação de rua, ação destinada a formar um coral municipal a partir de cantores em situação de rua; *Apropriações e Intervenções Urbanas*, a ação busca a descoberta de outros sentidos da cidade a partir da intervenção de arte e arquitetura numa

atividade conjunta de alunos e moradores de rua sobre alguns espaços públicos de Porto Alegre, com o objetivo de chamar a atenção à sociedade o direito a cidade também para os moradores de rua e sua forma de existir dentro da cidade. A atividade será realizada em 5 etapas: discussão sobre o lugar de intervenção, identificação dos elementos significantes: usos, mobiliário, fluxos, proposição da intervenção especial, execução da proposta, observação.

8 REPRESENTAÇÕES

Partimos do reconhecimento de que a população em situação de rua, que faz uso das ruas da cidade como moradia e convivência, é parte inerente das grandes cidades. Vemos essa prática de vida também como uma resistência ao processo radical de domesticação humana, a qual a sociedade se vê hoje imersa e sem saída. A partir disso, consideramos os saberes, os protagonismos, as estratégias e as políticas do acolhimento e hospitalidade a essas pessoas como balizadoras de soluções a domesticação da vida. Por outro lado, reforçamos que a situação de rua é fruto de um estado espoliativo, desestruturador das relações de família e de amizade, de um estado que trata a habitação, a saúde e a educação como mercadorias, fatores esses impulsionadores da violência e ódio, onde o morador de rua é totalmente e propositadamente abandonado como exemplar do que acontece quando a domesticação falha. Esse entendimento, dito em outras palavras, para os moradores em situação de rua não é diferente, eles sentem no corpo esse processo de violência que vem de todas as partes: policial, sistema de albergues e da população como um todo. O estigma que recai sobre eles é tão forte ao ponto de afetá-los a não perceber, na maioria das vezes, as riquezas escondidas em seu modo de vida. A condição de extrema precariedade, a ausência de bens materiais, o abandono e a desvalorização pessoal escondem a riqueza do patrimônio humano que carregam, que permanecem sufocados pelos problemas e pelas descontinuidades, tanto das relações pessoais como do meio físico.

Para a sociedade, os moradores aparentemente não têm nada e não são ninguém, não têm história, não têm raízes, não pertencem a lugar nenhum - estão excluídos. Mas isso não pode ser aceito como uma verdade, pois todos têm histórias, identidades, valores e, portanto, têm e são verdadeiros monumentos históricos, estão conectados às redes humanas, inclusive à rede do patrimônio histórico - daquilo que nos define como sociedade. A mesma noção da existência de valores representados em monumentos históricos materiais ou imateriais, existe nos moradores depositados em seus corpos e em suas histórias de vida. “Se perguntarmos objetivamente aos moradores em situação de rua sobre seus valores, talvez digam que não

têm nenhum, tampouco sabem se reconhecer como sujeitos, mas através de seus relatos podemos verificar esses valores, reconhecer monumentos históricos e identidades” (KIEFER, 2013).

Sobra a população de rua se precipita todos os preconceitos da sociedade, desde a antiga sociedade grega até hoje. A pessoa que não possui uma casa, um lar, uma família, não poderia ser considerada um cidadão da *polis* grega. De lá pra cá pouca coisa mudou. A questão da casa, do lar está atrelada a questão da propriedade privada e da religião, que vai dar origem as questões do Direito e do direito à cidade, ou seja, que tem e não tem direito. Enfim, o tema da morada, o questionamento da casa que o morador de rua carrega em suas costas, está nas raízes e na fundação das cidades e da dita civilização. A interrogação da morada, não ter morada, residência, é uma questão filosófica que é premente desconstruir. O homem não está na casa, mas a casa está no homem. Na existência humana há muitas moradas que o acolhem para que possa existir. A primeira é a natureza, a segunda a cidade que nos abriga. Na esfera da solidariedade e do grupo, o sentido de uma casa própria chega a perder a relevância quando pensamos mais amplamente a existência humana e o direito natural de convívio na cidade. Para o cidadão domesticado o morador de rua representa o selvagem que deve ser domesticado e reinserido na sociedade. Há muitos mitos e estigmas contidos nessa população, sendo a própria sociedade a criadora da maior deles. Isso entra em um ciclo fazendo com que os moradores de rua, infelizmente, também acabam colocando em si mesmos.

Entendemos que somente através de ações de convivências, troca de saberes e culturas, poderemos ajudar a desconstruir esses estigmas do civilizado, do domesticado, (do *domus*), daquele que tem casa sobre aquele destituído de casa, e na maioria das vezes também destituído da família. Trate-se, pois, de um processo de re-significação de vidas, e não resignação da vida pelas imposições. Para isso, dentro desse processo julgamos importante em cada ação dentro do *Programa Universidade na Rua* a busca de formas alternativas e criativas de geração de renda e trabalho, sempre entendendo aquilo que, na *Filosofia com moradores de rua* sempre tratamos de explicar, que filosofia, ou seja, *Philo*, de *Philia*, quer dizer amor, amizade, amigos do saber, ou amigos da sabedoria e da amizade. É justo nesse ponto que o Programa e seus participantes se desfazem de suas *personas*, professores, alunos e moradores de rua e se tornam todos amigos. A partir desse ponto partimos para a luta solidária com nossos amigos, luta essa que se torna nossa.

Como disse o colega professor Jose Luiz Ferreira, representando nosso pensar durante um dos encontros, “estamos felizes com nossa aprendizagem junto ao pessoal em situação de

rua, e com a possibilidade de termos sido acolhido e mais: a possibilidade de dividir a experiência da comensalidade com Leonardo Boff, a experiência do *Dasein* de Heidegger transportando tudo para o ‘aqui e agora’ e tendo como critério de avaliação do programa as nossas próprias vidas e a felicidade por eles ter nos proporcionado como parâmetro máximo dessa jornada que continua”.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados já trazem visibilidade ao potencial de participação desse segmento da população de forma positiva ao buscar a diminuição do estigma e dos preconceitos que a população de rua carrega perante a visão da sociedade. O Centro de referência em ação social já está referendando pessoas em situação de rua que necessitem de moradia. A universidade na Rua tem ações em áreas quilombolas que disponibilizam casas para essas pessoas encaminhadas.

REFERÊNCIAS

COMTE-SPONVILLE, André. A felicidade desesperadamente. São Paulo: Martins Fontes. 2010

DERRIDA, Jacques; DUFOUMANTELE. Da hospitalidade. São Paulo: Editora Escuta. 2003

DERRIDA, Jacques. *Políticas da amizade*. Porto: Campo das Letras. 2003

DOVERA, Themis Maria da Silveira; ZIMMERMANN. O autocuidado e a utilização da terapia antirretroviral da população adulta portadora de vírus HIV em situação de rua: revisão bibliográfica. In: Revista HCPA. Porto Alegre, Vol. 31, supl.1 (2011), p.43

DOVERA, Themis Maria da Silveira; ZIMMERMANN. Projeto Começar de Novo: Oficinas de saúde com pessoas em situação de rua. In: Revista do Hospital de clínicas de Porto Alegre e Faculdade de Medicina da UFRGS. 29 Semana científica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, 2009. Vol.29 (supl.1), 459 p.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes. 1979

FUÃO, Fernando. As formas do acolhimento em Fuão, F.; Solis, D. Derrida e arquitetura. Rio de Janeiro, EDUERJ. 2012

FUÃO, Fernando. Construir, morar, pensar. Disponível em:
<http://fernandofuao.blogspot.com.br/2015/01/construirmorar-pensar-umareleitura-de.html>

HEIDEGGER, Martin. *Construir, habitar, pensar*. 1954. Disponível em: www.proureb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf. *Bauen*,

Wohnen, Denken. 1951 conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback.

KIEFER, Marcelo. *Arquitetura e Mal de Arquivo*, em Fuão, F.; Solis, D. *Derrida e arquitetura*. Rio de Janeiro, EDUERJ. 2012

KLEIN, Samantha. *A solidão da Rua*, Caderno do Jornal da Universidade. N.36, edição 187, dezembro de 2015-janeiro de 2016, p.4. UFRGS. Porto Alegre

ZERZAN, John. O moderno, anti mundo. Em: <http://www.docfoc.com/john-zerzan-o-moderno-anti-mundo>

ZERZAN, J. Futuro primitivo. Em: <https://we.riseup.net/assets/212498/2230629-john-zerzan-futuro-primitivo-120513130129-phpapp02.pdf>

[1] Os nomes aqui citados correspondem ao nome dado pelos participantes do programa ao se apresentarem a nós, normalmente sem uso de sobrenome.

[2] O Programa de Extensão *Universidade na Rua*, coordenado pelos professores Fernando Fuão da Faculdade de Arquitetura/UFRGS, Themis Dovera da Escola de Enfermagem/UFRGS e Daniela Cidade da Faculdade de Arquitetura/UFRGS em desenvolvimento no período de 2015-2015, é integrante do Edital PROEXT/MEC-SISU 2015-2016. O programa tem sua origem em 2009 através do programa 'Convivências' UFRGS/ PROEXT/DEDS, realizado no Restaurante Popular de Porto Alegre, e hoje procura consolidar-se reunindo ações de diversas áreas e Unidades da UFRGS para desenvolver praticas inclusivas fortalecedoras de vínculos, de cuidado e de aprendizagem construtiva com moradores de rua realizadas em locais públicos. Durante o segundo semestre de 2009 e o primeiro semestre de 2010, o professor Fernando Fuão (Faculdade de Arquitetura/UFRGS) propõe como tema da disciplina de Projeto Arquitetônico 4 do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS a criação de um projeto de Centro Cultural Social para moradores de Rua, a ser implantado no segundo andar do Restaurante Popular, ocupação a ser elaborada pelos alunos de graduação a partir de programas de necessidades fundamentado no conhecimento e vivências com moradores e rua. Foram elaboradas várias propostas de ocupação desse espaço dentro da disciplina de Projeto Arquitetônico 4 a partir da relação com o grupo de moradores de rua do Projeto "Voltando para Casa" que depois se transformou em "Começar de novo" coordenado pelo educador Roque Graziola e pela professora Themis Dovera (EENF/UFRGS). No ano de 2010, em julho acontece a segunda edição do Projeto Convivências 2 (PROEXT/DEDS), convívio também de 5 dias com alunos, professores e pessoas em situação de rua, realizado na Faculdade de Educação Física, ESEF/UFRGS, com o apoio dos professores Mario Brauner (ESEF/UFRGS), Analice Palombini (Psicologia/UFRGS), Daniela Cidade, Eber Marzulo e Fernando Fuão (Faculdade de Arquitetura/UFRGS), e com parcerias do Albergue Municipal de Porto alegre, Albergue Dias da Cruz, Projeto Boca de Rua, Abrigo Marlene e Projeto Começar de novo. Em dezembro de 2010, acontece a primeira edição do *Filosofia com moradores de*

rua durante um dia inteiro, contando com a participação dos professores Themis Dovera (EENF/UFRGS) Rita Velloso (Faculdade de Arquitetura/ UFMG) e Roberto Ponge (IL/UFRGS) e da filósofa Marcia Tiburi.

[3] Sobre este tema ver: Fuão, Fernando, em Klein Samantha. *A solidão da Rua*, Caderno do Jornal da Universidade. N.36, edição 187, dezembro de 2015-janeiro de 2016, p.4. UFRGS. Porto Alegre

[4] Notável foi o desenvolvimento do aluno bolsista do curso de enfermagem do segundo semestre, responsável por preparar o conteúdo das aulas, que nunca havia dado aula. A supervisão das aulas ficou no encargo de acadêmicos do oitavo semestre do estágio curricular do mesmo curso. As aulas eram semanais às quintas-feiras. Quero ressaltar que, no segundo ano do projeto, a pedido da direção da Escola Porto Alegre, o acadêmico de enfermagem, aluno-bolsista, foi convidado a auxiliar o professor da sala como tutor de alguns alunos com problemas de saúde mental devido o grande vínculo que criou com esses alunos no ano anterior durante as oficinas de Saúde Popular. Interessante nesse processo foi o método utilizado pelo aluno-bolsista para manter a atenção do grupo da pop rua na sala de aula. Quando perguntado a resposta foi rápida: “profa. meu método é o mais didático possível, esclarecer o melhor possível suas duvidas, todas as aulas eram pensadas em: como prevenir, como se transmite, como são as complicações e o tratamento e fazer que cada um daqui pra frente já conscientes de tudo possa ajudar o próximo”.

[5] Nessas aulas levamos um bolsista da psicologia para ensinar *tai chi chuan*. Outro assunto foi e convidamos uma colega que estuda Enfermagem na PUC e trabalho com HIV/AIDS em mulher grávidas no Sanatório Partenon; as micoses superficiais, cutâneas e subcutâneas e, então no mês de outubro iniciamos com o programa de redução de DANOS, onde o Anderson pessoa em situação de rua e treinado como redutor de danos da prefeitura. O Anderson passou a fazer o grupo nas quintas-feiras e nas segundas e quartas no consultório na rua até o início de dezembro

[6] As oficinas estão em consonância com os princípios e diretrizes do SUS conforme as leis 8080 e 8142 de 1990 que além de garantir a participação dos usuários nos assuntos de saúde estabelecem a integralidade, universalidade, equidade como direitos de todos, bem como com os pressupostos da Reforma Psiquiátrica.

[7] Ações inseridas nesse contexto: Filmes (Cinema e debate). Projeção de filmes sobre Redução de Danos e uso de drogas para debate; Introdução à temática da Guerra as drogas: Crítica aos danos sociais decorrentes das políticas atuais sobre drogas; Funcionamento das substâncias psicoativas no corpo humano (álcool, crack, cocaína, inalantes, anfetaminas, maconha, etc.); Principais doenças decorrentes ou associadas ao uso de drogas; Confecção de material informativo sobre práticas de Redução de Danos (oficina de cartazes); Oficina de confecção de cachimbos e piteiras como estratégia de diminuição dos agravos em saúde referentes ao uso de crack; Corpo e autocuidado: Relaxamento, alongamento, automassagem, respiração abdominal; Identificação de riscos e estratégias em relação aos prazeres – relação com uso de drogas, gestão dos prazeres e seus riscos; Identificação

da Rede de serviços de saúde que acolhem população em situação de rua na cidade de porto alegre. Caps ad, internações, postos de saúde, consultórios na rua, etc.

[8] Durante o ano de 2015 conseguimos dentro dessa temática, e com os recursos obtidos do Programa PROEXT/MEC publicar o *Manual de como Construir e reformar um galpão de Reciclagem*. Fernando Fuão. UFRGS. CNPQ. Proext. Mec).

[9] A ação A Cara da Rua é coordenada pela professora Daniela Cidade da Faculdade de Arquitetura/UFRGS. As oficinas de caráter experimental são ministradas por alunos bolsistas de diferentes áreas vinculados ao Programa Universidade na Rua.